

Breviário da poesia neobarroca na América Latina II

Organização e Seleção:
Cláudio Daniel¹ e Vinícius Mendes²



¹ Claudio Daniel, poeta, tradutor e ensaísta, publicou os livros de poesia *Jardim de Camaleões* (2004) e *Figuras Metálicas* (2005), entre outros títulos. No momento, é mestrando em Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo.

² Gradua-se em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Claudio Daniel

ESTUDOS DE ANTI-REALIDADE

Para Luís Serguilha, 2008

PRISMA I

toda palavra / é um labirinto / (recrocita / corvo lunar), / (sub-reptício réptil / foge / entre folhas). / cristal negro, / búfalo negro, / palavra enegrecida / em sons guturais, / espectros / de si mesmos. / flor de abril / acende música, / amarelo, / amarelo, / até lavoura / de fetos. / há uma anã / estrangulada / na rua aurora; / há um relógio de ponto / que só anda / para trás; / a dentadura / de clotilde; / o gosto amargo / do café. / tudo é / um cinema / mental, / pilhas de ossos- / palavras, / extintas praias, / labirinto / de cores / alteradas. / poema: / forma de ver / o escuro / que há no mundo / e em mim. / palavras caem / (fuligem), / restos de canção: / ou abrir a porta: / entre seios / e rudimentos / de agrimensura, / entre o mistério / e um agudo / senso de beleza, / vago perfume / de papoulas, / até dessantrar / as pétalas / do canto. / nenhuma porta / (deslinda) / desatino; / nenhuma / ou essa / que se fecha. / ou aquela, / qual, / ou esta porta, / este caminho, / não há caminho. / restilo / de alvura / ou lanugem, / lúnula: / peixes, / entre unhas.

PRISMA II

olho-de-corvo; / um, crocita; / dois, arranha; / três, escurece; / quatro, engasga, / tropismo / de piçarras. / cristal negro, / búfalo negro, / palavra enegrecida / em urros / de lacraias. / sons vegetais, / sons minerais, / sons fecais, / dissociados / de sentido. / recrocita / réptil / em folha / lunar, / sub-reptício / acende / música / até lavoura / de restos: / há um relógio / estrangulado / e uma anã / fazendo ponto / numa esquina / da rua aurora. / tudo é um jogo / de ossos / como saltar / à corda, / piscar / os olhos, / remoer / a canção. / tudo é cinema / mental. / entre seios / e rudimentos / de mariposas, / entre o mistério / e um agudo / senso / de extinção, / dessantrar / a beleza / (fuligem) / até um vago / perfume / de papoulas; / ou abrir a porta: / não há caminho, / nenhum / ou este / que se fecha, / tudo é labirinto, / (deslinda) / desatino. / alvura, / lunário / de lúnulas: / unhas, / entre peixes.

PRISMA III

até / dessangrar / peixes, / entre unhas. / pilhas / de palavras / rotas, / restos / de canção: / flor / de abril / em amarelo, / para ver / o enigma / no mundo / e em mim. / recrocita / labirinto / lunar, / corvo / de fetos / alterados. / há o gosto / amargo / do relógio, / uma anã / que só anda / para trás / e clotilde / estrangulada / num café / da rua aurora. / tudo é mental, / mariposas / ou seios, / pétalas / ou música, / rudimentos / de mistério / e mistério. / todo labirinto / é uma palavra / do deslinde / ao desatino / (sub-reptício réptil / foge / entre lúnulas). / cristal negro, / praia negra, / papoula enegrecida / em sons larvais / até lavoura / de fétidos. / havia uma pedra, / havia uma rosa, / havia um abismo. / tudo / é cinema / mental, / praias / e palavras, / pilhas de ossos / poderes. / alguma porta / ou nenhuma, / esta / ou aquela, / esse caminho, / qual caminho? / entre um senso / agudo / de extinção / e rudimentos / de lanugem, / entre o restilo / e o séquito / de lêmures, / todo enigma / é incapaz / de abolir / o silêncio.

PRISMA IV

cristal negro, / réptil negro, / sub-reptícia / anã negra / (amarga) / entre folhas. / flor de abril / recrocita / olho- / de-búfalo: / unhas traçam / a agrimensura / do escuro, / acendem lúnulas / de lacraias / até tropismo / de fetos / (para ver) (a beleza) / (que há no mundo) / (e em mim). / nenhuma porta / ou esta / que se abre, / esta / que se fecha, / este caminho, / nenhum caminho / (tudo) / (é labirinto). / entre piçarras / e rudimentos / de papoulas, / entre seios / e um agudo / senso / de alvura, / lavoura / de auroras / alteradas. / (pedra) / (é um jogo) / (como saltar) / (abismos), / (pisar) / (os ossos,) / (remoer) / (a rosa,) / (cinema) / (mental) / (ou séquito) / (de desatinos). / um, dissocia / mariposa; / dois, coagula / lunário; / três, escurecem / larvais, / restilo / de cores / abolidas. / tudo é mistério, / deslinde / de lanugens / até dessangrar / palavras- / peixes.

PRISMA V

lêmures / lavoram / lúnulas, / recrocita / labirinto / (abismo) / (de espectros). / esta porta / que se abre, / prosa / de corvos, / esta porta / que se fecha, / rosa / de répteis, / não há caminho, / tudo é caminho; / flor de abril / escurece / relógios / até dessangrar / a anã / em tropismo / de lacraias. / tudo / é um jogo / amargo / como saltar / os ossos, / pisar / palavras, / traçar / na pedra / sub-reptício / urro / (para ver) / (o mistério) / (que há no mundo) / (e em mim). / entre fetos / e rudimentos / de búfalo, / entre cristais / e um agudo senso / de coágulo, / abolir / o peixe / numa agrimensura / de enigmas. / cristal negro, / seio negro, / lua negra, / restilo / de piçarras: / tudo / o que escrevo / tudo / o que escavo / tudo / o que escuto / tudo / o que escarro / tudo o que esqueço / me deslinda, / desatina, / desafina, / desarvora, / desenflora, / entre amarelos / e lanugens, / entre larvais / e mentais, / entre o que / pensa / e o que / sente, / entre o que / mente / e o que / muda, / entre o que / canta / e o que / encanta, / entre / mundo / e nada.

Eduardo Jorge

extraído de um vegetal cifrado

pequeno jardim sobre mármore
lumén — antes de escorrer seccionada
clorofila luminária
(ao som do entalhe: pedra-ume afia de polir
o corte — do músculo *al dente*—em faísca,
de arrepio ósseo)
do orifício seco e cortante em casca —
folhas secas suspensas
o sabor antecedia o doce, o salgado:
atrição sem faísca, não sem a
origem do vermelho sôfrego, verde.
qual das duas mais afiada, devorava:
corte sequer existiu: a língua vegetal
o gume sonolento — silêncio incisivo
o músculo brilhava em ilusão de sabor:
e crescia transparente na sala
de outro endereço.

cobre, 29.

1. olheira: duas cavas em tranqüilidade, jeito elétrico em movimentar-se. cada gesto porta pontos de luz, iluminações repentinas. empolgação: falar, gesticular — gesto incompleto. pequeno lamento em risos. o riso, fortaleza aberta; seu calcanhar: a boca. as espumas nos copos à toa, agregando insônias ulcerosas esquecidas nos fios de número atômico 29.

2. cruzar avenidas: não pensar: prosseguir de passagem inconsciente pelo sono dos trabalhadores. o atrito move: práticas de tiro ao alvo — mira nervosa: derrubar de um tiro a segurança e o conforto sobre o altar: o tiro equivalia ao corpo perfurado tingindo a sala branca de vermelho seco, baço — o carro cruzava as avenidas de buzina tímida, motor com arrancos de pulsões — sobre a mesa, copos. à toa, a busca era.

3. a crença parafísica encontrava-se em alguma curvatura (espaço esquina com o tempo, travessa Haroldo de Campos) em outra matéria ou um lugar invisível. em timidez simulava silêncio da escuta. palavra semelhante a hieróglifo: a conversa era um ato instantâneo de tradução. a forja era aquela mesa e cada palavra-vergalhão, um jeito sutil de procurar o retorno aos fios condutores, cabelos.

oscuras semblanzas blancas

mandala aberta:
serpentes enleadas,
um corpo circular:
cabeças sobressalentes,
extensão e forma pegadiça:
[única encaracolada —
quatro esquivações de
encontros próximos:
corais]
sensação espiral
amparada e encerrada
no aro —
esforço sorrateiro
concentrado, a sutileza
ctônica: princípios
gêmeos secretos:
suma, sutra:
iluminura fria
em travessia milenar —
o preto, o branco:
as escamas afiadas:
armadura riscando
a terra: intimidade.

(a partir de thereza salazar)

Ana Maria Ramiro

PANDAIA

*Paroles les plus dures
prendre les bêtes à témoin*
Paul Éluard

O horror
jaz no prato,

no interior do corpo
bivalve, uma jóia negra,
improvável,
extrapola os limites orgânicos,
rompe as próprias fronteiras

cheira a sexo e exílio,
esse pasto informe

as vísceras salobras
e a necessidade de provar
a gênese

assim como Ama-Sam, mulher-peixe

vencer a resistência da água e buscar
um nome nas profundezas
do aquário,

um nome que estimule secreções
nacaradas e materialize líteras
calcificações, produto da dor

cultivar a palavra.

OFÉLIA RELOADED

Senhora
dona de mim,
não reparta
o cristal escarlate

iguanas se formam
em meus bolsos,

lodo no copo,
flor esgarçada
no sexo,

retira a jóia
torpe,
subverte
o vate

vela,
lâmpadas cáusticas
vertem fogos
fátuos,

descasca-lhe o frio
dorso,
incrusta um nome
às avessas

verbo,
seda luxuriante
que dilacera

o corpo inerte,
mortalha silente,

olhar os próprios olhos,
enquanto tomba
a cabeça
e desaprender a dor
num instante,

essa voluptuária
serpente
de jaspe

LINHAS DE FUGA

A memória,

decantá-la,
a lembrança amputada, a escara
que ainda dói,

um mergulho

sistemático no fundo do aquário
em busca da escama, no hiato
da pedra, o salto
atávico,

gesto elaborado,
reconhecer-se na fome
do tigre,

sentir seus músculos,
o hálito,

ler o segredo
estampado

no rajado da pele.

Josely Viana Baptista

arauto

Para Haroldo de Campos, in memoriam

o
verbo
seja
alento

ao
estridor
doe
a
ode
o
silêncio

o
nome
ao
desespero
dome
o
medo

Antônio de Gouveia, clérigo em Pernambuco

(circa 1570)

padre do ouro, nigromante,
versado em magia e minas,
veio ao Brasil em degredo,
celebrou missas estranhas,
matou índios prisioneiros,
roubou cunhãs dos amantes

tentando se defender
da fama de suas façanhas,
rascunhou de próprio punho,
debochado, um testemunho
dos hábitos absurdos
deste outro lado do mundo

mergulhou o bico-de-pena
num tintório de urucum
(que pensem que escrevo a sangue
este documento acre),
misturando ao suco rubro
a resina de um bom cedro
(não falte ao escriba lacre,
para seu vômito acerbo)

preparou um chá com o funcho
que carregava no bolso
e fez um feroz discurso
contra os feitiços dos bruxos

*(ó ave de mau agouro,
leva esse teu vôo esconso
para qualquer outro pouso)*

com pensamentos infusos,
esgueirou-se até o arbusto,
e acorado na relva,
lançou o hábito às ervas

depois espantou um besouro
de suas sandália de couro,
limpando (sirva de adubo)
a bosta com um sabugo
– acúleos de ora-pro-nóbis,

nobre oiro dos conversos! –,
e, sem perdão do perjúrio,
rubricou no papel sujo:

De uma aldeia em Pernambuco,
Neste outubro controverso.
Deste em Christo filho indigno,
padre Antônio de Gouveia

Breviário da poesia neobarroca na América Latina II

sue
o secor do poço
soe
o oco do cepo
brote
o bulbo do fruto
vente
o pólen poento
(ventre)

Wilson Bueno

8

Quem sabe el sudor, o ímpio, o éebro
Chama e pano, nus os ambos,
Arde o fevereiro em síncope e pêlo.
Chicotear de crinas sobre lassos lençóis.
Cavalga a tarde o sangue exausto
Ao zinco em uivo dos verões.
Arfante o corpo inda apregoa
Do corpo em frente o quanto, o quando,
Este que de chuva venta e agôa
A sombra, a já lenta aragem
Do que foi trama, olvido, orgasmo.

30

Amor chegou tarde da noite
Néons cores sobre a cabeça
Lírios na boca, de fora o sexo
Numa inocência de folhas.
E foi-se a dançar na rua
Amor de banjo e melancolia.
Um Anjo talvez Amor.
Pagão, prostituto, à toa,
Que Amor pode ser tudo
Menos Desamor seu íntimo oposto.

25

Zôo de vespa em unhas
Enxameias, de ciúme, enxameias
Os ladridos, sus ladridos de menina.
Do Amor catar os trapos
Rôtos, súcios, uns que coloridos
Do sangue que abril verteu-me
Em vossa branca boca, Amor
De princesa, o susto, o casto pânico
Em ver que Amor também fenece
De bruço, aos remendos, aos soluços:
Marcel Proust... Marcel Proust... Marcel Proust...

Poemas do livro ainda inédito 35. *Poemas de Amor*

Élson Fróes

PÉROLA, LUZ, ILUMINADA

a Lucia Boni

nenhuma mais que o ouro
dourada ou que ao sol
ensolarada em si reluz
clara mais que a lua que
resplende enluarada ou
que a alva madrugada
em sua prata acenda
prateada argentea que
em teu lume espelhe
iluminada e as
douradas ondas
como se onduladas águas
de teus cabelos louros
se faz o ouro em volutas
que se revolve ao vento
ouro revoltado em movimento
e no coração como concha
traz uma pequena pérola
incrustada luz que refulge
no fundo da escuridão
pérola, luz, iluminada

AA (A. ÁVILLA)

Das trincas do palácio das
dores de cabeça dos
furos no teto das
fermentosas ceias das
vidraças quebradas das
rachas das tintas dos
rancores encobertos das
rangentes dobradiças dos
apetites carnívoros dos
assoalhos carcomidos dos
cupins o reino dos
príncipes do pau ôco

O OURO DO RISO CONTRA A NOITE

a Néstor Perlongher

Se te corta o ouro do riso contra a noite
o agonizante membro exhibe a distração que
daí envolta um espelho dos raios os dedos
torceu com um frágil arco a paisagem
engloba lábios brandidos ao redor
atravessada não mais nem sequer à invasão
dos olhos depois da quente chuva primeiro
refracta de branco estanque deixando
dentro de seu tremular que pensa o impulso
de espuma congelada senão sustida ou sem
pousar-se no campo da memória aterrisa se
te sobe eletrizado instante ao levitar e
sair o motor de sucessivos agoras um mar
que as realidades ou a luz desperta com
seu giro transpasso a voar no cenário se
reação nem tanto à velocidade da visão a
língua no zênite de pernas às vezes onde
segue até por via de multiplicar ao brilho
de estrelas o ouro do riso contra a noite

LÂMINAS

Lâminas afiadas se encharcam tremore
s e contorcidas de engates a procura
do dorso nú em único zap zunindo lum
inoso no ar semicírculos de sede lâm
inas flexíveis de expelir palavras e
sgares de dias de noites recortes re
torcidos no entrechoque se figuras m
esclam no toque dos fios o tinar est
ridentes indomável dos metais silaba
dos nos lábios com fogos lâminas que
se lambem e lentamente impelem o esp
asmo reflexo flâmulas flamando ao ve
nto silvando curvas abrindo frestas
para um mover de olhos florindo mult
iplo lâminas de dentro das pausas da
fome dos desejos comem floreios esto
cadas deslizando úmidas e enlaça con
tra-ataca trêmolas de dobras dobram
sons se tocam e fogem línguas de fog
o comem o corte desta palavra escand
indo ar em luz onde o eco se refrata

LABAREDA

Labareda náusea feixe
de equivocos a queimar
danação a brisa abrasa
este mal que barbariza
uma festa de ardor
farpas cravadas dentro
peixe esquivo em nada
esta dor que me arpoa
malabarizo nas entranhas

DÉDALO

A quem dédalo dedico de prosa
este mínimo do roçar coçar
coisas apontadas no cinco de
móveis e longas roliças
flexíveis de abrir fechar
dedico a poesia que aponta
a grosso modo deda seta
tateando tenta adentrar
querendo aportar na luz
da invenção que falha
porém a memória cintila
fagulha para musas
donde museu a invenção
já se disse digo eu
e o dito prolifera-se do circo
dos sentidos assenta-se
nas pontas relances de encetar
reprises de principiar
a quem dedico este dédalo
tátil de serpentear quentes
no artifício das fendas
em redobras de códigos
e suores e átimos enquanto
nos curvos meandros
do lábil todo ofertas

Adriana Zapparoli

I

um dos caminhos era aquele: aquático. respirava distante e
diante da sua pelagem espessa, brilhante e uniformemente
castanha, com exceção da região do ventre. dEle o corpo,
a cabeça e os olhos pequenos, movia-se leme a longa
cauda, afilada na ponta, quase espada. indecisa a presença
dEla. enquanto mergulhava submersa em seu interior, o
impulso das patas. dEle sentia o movimento sinuoso do
corpo. continha. aquela uma lontrafagia poética de peixeanfíbio,
reptílica ave em ética lírica. seus sistemas de
galerias, suas entradas de zonas rochosas, suas entranhas,
umas subaquáticas e outras ao nível do solo.

II

a sua intimidade com o javali era
enganosa. a intocabilidade do rosto envolto por pêlos
brancos
e negros. a parada. as patas fleumáticas em suas
mãos. a distância celomática. a delicadeza a retirar. os
ossos. o afastar dos afagos. o ócio. temia-lhe o peso
mascavo.
a marquise.
temia-se em sua indocilidade carnívora de víbora. o difuso
desejo. aninhá-lo no calor das entranhas. suas entranhas de
óbito verdadeiro.

Poemas do livro ainda inédito *O Leão de Neméia*.

veias e teias: são dromedários na parede da mente. construídos com a morte, em processo, em fagocitose. a corcova repleta de arrotos energéticos, são distúrbios, retirados a vacutainer das margens, do ponto-cego, do hipotálamo e cerebelo... do ódio que te arremessa para o lado, por onde (des)construo seu lodo... por esse todo, são as lesmas envolvidas em um pedaço de porrete... e mato, dentro de um tempo, para perdê-lo nesse hiato de ataxia, enquanto, recomponho o seu quadro, com outra anatomia.

Horácio Costa

Rumo a Aquiléia

*Come from the holy fire
And be the singing masters of my soul.
Yeats, Sailing to Byzantium*

A José Saramago

O dia está mesmo encoberto.
Entre ruídos de telefones
celulares, eis-me enfim
a caminho de Aquiléia.

Veneza não mais interessa
e por sucumbir não termina.
Sobre canais, pontes, museus,
os habitantes, seus manteaux.

Os palácios iluminados
e os restaurantes lotados.
Constróem um novo Bucintoro
para a sanha dos turistas.

Por isso, rumo a Aquiléia.
Lá não sou amigo do rei
mas é ao velho Diocleciano
a quem hoje visitarei.

Sua viúva, sua filha,
de princesas passaram a
mendigas. Sobre a História,
que dirá o fantasma cesáreo?

Que seja em latim, tanto faz.
De sua congelada Panônia
o vulto do Imperador
algo útil me sussurrará.

Não penso em brocados, nem quero
púrpuras. Nos filmes estão
as tiaras de ametistas. Dôo
aos poetas fáceis, efeitos.

Mas vim de tão longe, sou um
brasileiro. Posso ao tetrarca

exigir o real, o que é vero,
a substância, e ponto final.

Que não revele, que só confirme,
é suficiente. Que é da História?
E, dois mil anos depois, que gosto
lhe guarda o seu tanto poder?

Vilipendiadas, pelo Império
vagaram as suas princesas.
Uma vez destilada a ira,
Diocleciano, hoje, sabe.

Ou deve saber. Que me traga
a sua conclusão ou se cale.
A ele já não voltarei:
a Aquiléia se vai uma vez.

Que não esmiúce os fardos
da glória e da santidade;
poupe-me quem com olhar
galvanizava os legionários.

Que confesse ao visitante
a sua moral milenar.
Divo! conjuro-te a afirmar
que há um sentido, um destino.

Eis-me então frente a Aquiléia.
Já sei o que há por encontrar:
mosaicos, restos arqueológicos.
Patriarcas, gestas de hunos.

E que escapa a voz que mingüia?
Suores. Pactos. Traições.
Ah, que não lamente a desdita
das pobres princesas reais.

Mas se o eco vier de Ausônio,
quem descreveu Aquiléia
à sombra dos últimos Césares,
celebrarei entre as ruínas.

Se for de Ausônio a voz,
que atento eu permaneça.
Que ele me conte o que queira:
não sei o que o poeta dirá.

Aqüiléia, 5 XII 98

SATORI

Eu já fiz o suficiente de xixi
Neste canto do jardim. Já
Deixei a minha marca
Para aparelho olfativo nenhum
Ignorar. Aprendi a escrever
Com tinta colorida, visitei
“N” fundos de raridades,
Acompanhei besouros em seus vôos
Erráticos, e saí com a minha
fill on the blanks como que teleguiada,
certeira, anjos de Caravaggio,
moscas de Lispector. E te sugestionei
Com o meu perfume. Quando vc procurou
No Duty-Free, não havia igual.
A morte fora anunciada erradamente,
O corpo não tinha morrido
De morte morta mas matada.
Presentira-o e to dissera.
Espalhaste em seguida sobre as cinzas
O teu olhar de cinzeiro.
Vc hoje começa a me dar razão
E o teu braço dói porque
Irei torcê-lo para colocar-te
Em direção àquele ângulo no qual
Divisa-se a árvore *nim*, os inúmeros
Ninhos que nela se abrigam,
E o esvoaçar das plumagens
Que se abrem no céu
Como rendilhados do Majal.
Não temas, não tocarei o teu pescoço,
Não guardarei rancor se te queixares
Já que o favor que te faço dói.
E sequer se me abandonares:
Cheguei até aqui para converter-te
Em partícipe do satori, mesmo em tua
Ausência, ou indiferença, ou lenta
Abdicação. E assim, o momento
Não será mais meu, e através de mim
Tu e eu seremos dele.

Pinhalzinho, 8.II.04

Poemas do livro *Ciclópico Olho*, terminado em 2004 mas ainda inédito.

OS AUTORES (na ordem em que aparecem)

Flor Gaduño nasceu na Cidade do México em 1957. Depois de terminar os estudos na *Academia de São Carlos* começou a trabalhar como assistente do mestre mexicano Manuel Alvarez Bravo, considerado um dos maiores poetas da fotografia contemporânea. Publicou *Magia del juego eterno* (1985), seguido por *Bestiarium* (1987), *Monographic DU Magazine* (1992), *Witnesses of Time* (1992), *Mummenschanz* (1996), *Aperture* (2000), *Inner Light/Flor* (2002) e *Silent Natures* (2005). As obras de Flor Garduño estão representadas em numerosas coleções que incluem o *Museu de Arte Moderna* de Nova Iorque, o *Museu J.P. Getty* de Los Angeles e *Stiftung fur Fotografie* de Zurique, entre outros. É ressaltado frequentemente o valor poético de sua fotografia, ao captar imagens de indígenas americanos, de nus femininos ou de naturezas-mortas, de forma a criar uma ponte entre o sagrado e o profano, entre a intimidade e a exposição crua. A fotografia da capa *Alcove* foi retirada de *Photo.net* (http://photo.net/photodb/photo?photo_id=3836631). O endereço oficial da artista é <http://www.florgarduno.com/>.

Cláudio Daniel é poeta, tradutor e ensaísta. Nasceu em 1962, em São Paulo (SP), onde também vive atualmente. Publicou os livros de poesia *Sutra* (edição do autor, 1992), *Yumê* (Ciência do Acidente, 1999), *A sombra do leopardo* (Azougue Editorial, 2001), *Na virada do século*, *Poesia de invenção no Brasil* (Landy, 2002), *Jardim de Camaleões*, *A poesia neobarroca na América Latina* (2004), *Figuras Metálicas* (Perspectiva, 2005) e *Ovi-Sungu, Treze Poetas de Angola* (2007). Em contos publicou *Romanceiro de Dona Virgo* (Lamparina, 2004). É editor da revista eletrônica de poesia e debates *Zunái* (www.revistazunai.com.br)

Eduardo Jorge nasceu em Fortaleza – CE (Brasil) em 1978. Atualmente é mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista da Capes. Desenvolve uma pesquisa em Bestiários Medievais e seu diálogo com a Literatura Latino-americana. Publicou os livros de poemas: *San Pedro* (ed. Autor, 2004), *Espaçaria* (Lumme editor, SP, 2007) e *Caderno do Estudante de Luz* (Lumme editor/ Funcet, CE/SP, 2008). Vive em Belo Horizonte.

Ana Maria Ramiro nasceu em São Paulo, em 1972. Publicou os livros de poemas *Menina-poesia* (1999) e *Desejos de Gaia* (2007). Em 2006, organizou e traduziu a plaquete *Para Fazer um Talismã*, com poemas de Alejandra Pizarnik, Elizabeth Azcona Cranwell, Dolores Etchecopar e Olga Orozco. Participou da antologia *8 femmes* (2007) e da *Antologia de poesia brasileira do início do terceiro milênio* (2008), lançada em Portugal.

Josely Viana Baptista, poeta e tradutora, nasceu em Curitiba (PR), em 1957. Publicou os livros de poesia *Ar* (1991), *Corpografia* (1992) e *Outro* (em co-autoria com Arnaldo Antunes, no álbum de arte homônimo de Maria Angela Biscaia, 2001). Em 2002, seu livro infantil *A Concha das Mil Coisas Maravilhosas do Velho Caramujo* (Mirabilia, 2001; ilustrações de Guilherme Zamoner). Em 2005, lançou *Terra sem Mal: com rolanças e mergulhos pelos divinos roteiros secretos dos índios Guarani* (Mirabilia; ilustrações de Guilherme Zamoner). Uma coletânea de seus poemas, *On the shining screen of the eyelids*, foi premia-

da em 2001 pelo Creative Works Fund, de San Francisco, e editada nos EUA em 2003 (Manifest Press, tradução de Chris Daniels). *Os poros flóridos* foi lançado no México em 2002 (*Los poros flóridos*, Aldus, com tradução de Reynaldo Jiménez e Roberto Echavarrén) e nos EUA, em 2006, em *1913 - A journal of forms* (Roanoke, tradução de Chris Daniels e R. Alfarano). Em 2004, publicou *Musa paradisiaca: antologia da página de cultura 1995/2000* (Mirabilia), coligindo parte de seu trabalho em jornalismo cultural. Em 2007, lançou *Sol sobre nuvens*, uma reunião de três livros de poesia da autora.

Wilson Bueno nasceu em Jaguapitã (PR) e mora em Curitiba (PR). Autor de *Bolero's Bar* (1986, 2007), *Manual de Zoofilia* (1991, 1997), *Ojos de Água* (1992), *Mar paraguay* (1992), *Cristal* (1995), *Medusario – mostra de poesia latinoamericana* (1996), *Jardim zoológico* (1999), *Os chuvosos* (1999, 2007), *Meu tio Roseno, a cavalo* (2000), *Once poetas brasileños* (2004), *Amar-te a ti nem sei se com carícias* (2004), *Cachorros do céu* (2005), *Diário Vagau* (2007), *Canoa Canoa* (2007), *A Copista de Kafka* (2007). Em poesia publicou *Pequeno tratado de brinquedos* (19956, 2003) e *Pincel de Kyoto* (2008).

Élson Fróes nasceu em São Paulo. Formou-se em Letras pela Pontifícia Universidade Católica (PUC). Colaborou com poemas e traduções em vários jornais e revistas literárias, como 34 Letras, Bric-a-Brac e Dimensão. Lançou os e-books *Poemas Galegos* e *Poemas Traduzidos* em 2000. Em 2004 participou da antologia *Na virada do século – Poesia de invenção no Brasil*. Publicou *Poemas diversos* (2008). Seu trabalho está voltado para a pesquisa em semiótica visual e webdesign. Na internet, mantém o endereço www.elsonfroes.com.br

Adriana Zapparoli, poeta e tradutora. Fez doutorado em Farmacologia pela Unicamp (SP) onde atualmente é professora convidada. Lançou seu livro de estréia *A Flor-Da-Abissínia* em 2007 e *Cocatriz* em 2008 (São Paulo: Lumme Editor), depois de publicar poemas em revistas impressas (ET Cetera, A Cigarra e Poesia Sempre) e eletrônicas (Zunái, Confraria do Vento e Mnemazine). Para 2009, prepara-se para publicar o seu terceiro livro intitulado *O Leão de Neméia*.

Horácio Costa nasceu em São Paulo, 1954. Formado em Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP, 1978); Mestre em Letras (New York University, 1983), PhD em Yale (1994). Professor na UNAM (México), 1987-2001. Desde então, é professor da FFLCH-USP. Publicou *28 poemas 6 contos* (São Paulo, 1981); *Satori* (São Paulo, 89; atualmente sendo traduzido ao espanhol), *O livro dos Fracta* (México e São Paulo, 90), *The very short stories* (São Paulo, 91; México, 95), *O menino e o travesseiro* (São Paulo, 93; re-edição 03; México, 98); *Los jardines y los poetas* (Caracas, 94), *Quadragésimo* (México, 96 e São Paulo, 99), *Fracta — antologia poética* (São Paulo, 04) e *Ravenalas* (2008). Traduziu e publicou Octavio Paz (*Piedra de Sol/Pedra de Sol*, Rio, 88), Elizabeth Bishop (*Antologia Poética*, São Paulo, 90), César Vallejo (*Poemas Humanos*; México, Rio e Lisboa, 92), Xavier Villaurrutia (*Nocturnos*; Lisboa, 94). Em ensaio, publicou *José Saramago: o período formativo* (Lisboa, 97 e México, 03) e *Mar abierto: ensayos sobre literatura brasileña, portuguesa e hispanoamericana*.

NEOBAROQUE POETRY BRIEVIARY OF LATIN AMERICA II

BRÉVIAIRE DE POÉSIE NEO-BAROQUE DANS L'AMÉRIQUE LATINE II

Recebido em 01/11/2008

Aprovado em 01/12/2008

© 2009 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Cultura
CEP: 36036-330 – Campus Universitário – ICH – UFJF
Juiz de Fora, MG – Brasil.
Tel.: (32)2102 3117

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista